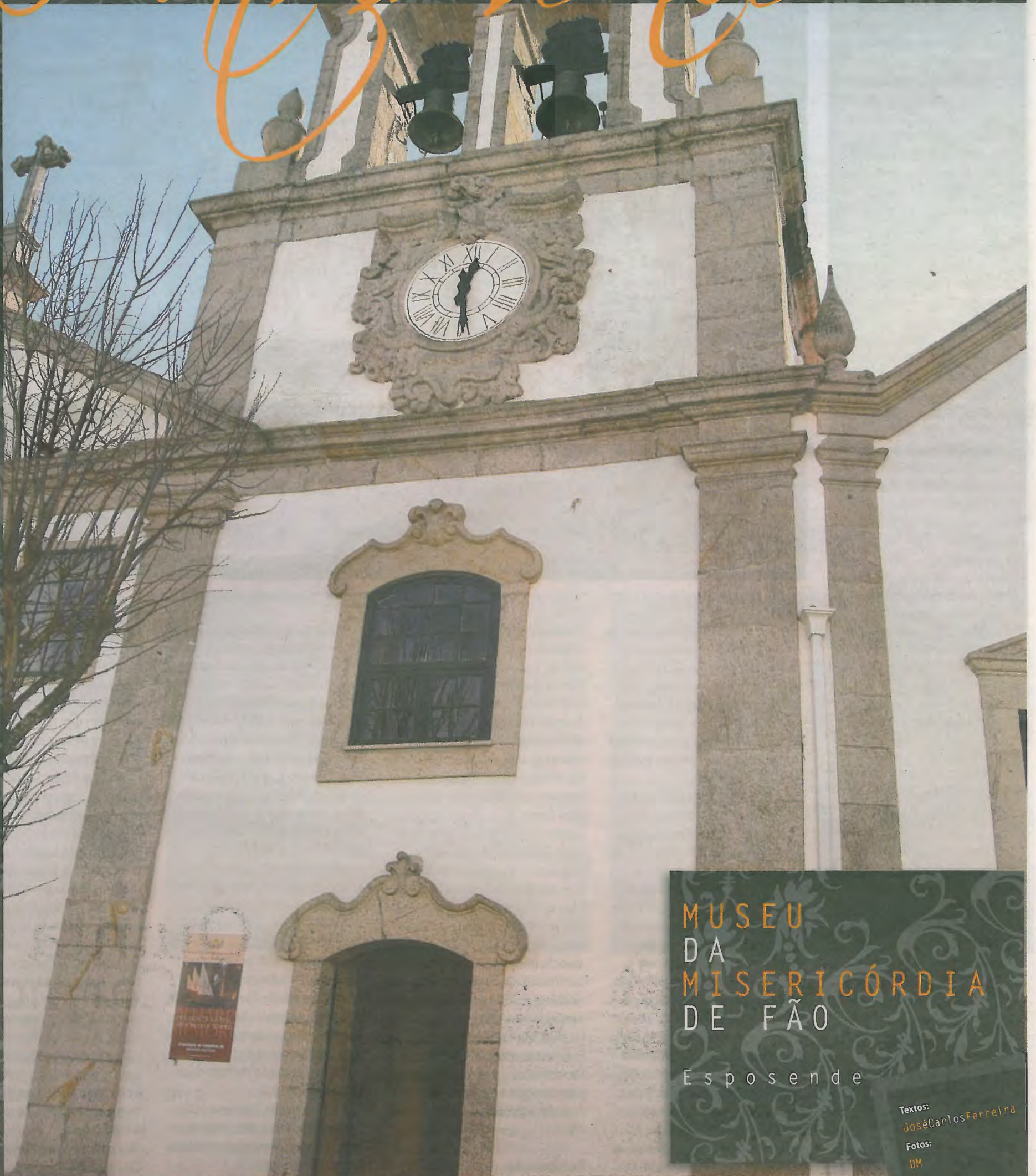


4 DE JANEIRO DE 2008  
Diário do Minho

Este suplemento faz parte da edição n.º 28004 de 4 de Janeiro de 2008, do jornal Diário do Minho, não podendo ser vendido separadamente.

# Património



MUSEU  
DA  
MISERICÓRDIA  
DE FÃO

Esposende

Textos:  
José Carlos Ferreira  
Fotos:  
DM





## Introdução

Depois de na semana passada termos falado da criação da Santa Casa da Misericórdia de Fão e da sua igreja, esta semana propomos um olhar atento ao museu que a instituição possui e que merece uma visita prolongada e sem pressas. Inaugurado em 2003, este espaço museológico foi criado após se verificar que a Misericórdia possuía um manancial de peças que foram guardadas ao longo dos séculos e que se encontravam armazenadas em arrumos da instituição.

Um dos primeiros passos foi o estudo e inventariação de todo o arquivo documental, o que deu origem a uma publicação, seguindo-se depois o restauro de peças únicas que contam a história e os serviços que a Misericórdia de Fão prestou ao longo dos séculos à população. Ali encontram-se imagens de roca datadas do século XVIII, pratos que escaparam aos fornos para serem derretidas com o objectivo de se produzir moedas, peças que integraram as tradicionais procissões da Semana Santa e o "caixão das almas", que serviu para transportar os cadáveres dos mais pobres até ao cemitério, cujas famílias não tinham dinheiro para comprar um caixão. Neste museu está também patente uma exposição temporária intitulada "Jerusalém Ano XXXIII", da autoria dos célebres irmãos Matias. São maquetas elaboradas ao pormenor dos principais templos de Jerusalém, cuja perfeição espantaram o embaixador de Israel em Portugal. Noutra sala estão maquetas de vários barcos, também elaboradas por José Marias Fernandes Matias e Casimiro Fernandes Matias, que doaram todo este espólio à Santa Casa da Misericórdia de Fão. Para culminar em grande beleza, esta visita ao museu termina com a igreja da Misericórdia, onde o barroco surge em todo o seu esplendor.

# Museu da Misericórdia de Fão nasceu da dinâmica dos dirigentes



> Alfiás da igreja da Misericórdia datadas dos séculos XVII e XVIII

**A** criação do Museu da Santa Casa da Misericórdia de Fão nasceu devido à dinâmica dos dirigentes da instituição que, desta forma, pretendiam preservar e dar a conhecer ao público um património com séculos de existência, aproveitando todas as sinergias disponíveis. Esta é a opinião do historiador Manuel Albino Penteadado Neiva, que acompanhou de muito perto e ajudou a que este espaço, hoje visitado por muitas pessoas ao longo de todo o ano, se tornasse realidade. Na sua perspectiva, houve um momento em que a principal missão das direcções era a boa gestão financeira das instituições para o bom funcionamento das valências, no entanto, após o 25 de Abril de 1974 começou a haver uma nova preocupação com a recuperação de todo o património. «Há uma nova geração de pessoas que, de certa forma, começam a olhar para esta riqueza patrimonial como algo a preservar e a divulgar», disse.

Assim, nos anos 80 do século passado, Manuel Albino Penteadado Neiva conta que, depois de uma conversa com o então Provedor da Misericórdia de Fão, visitou o espaço onde se encontra hoje o museu, verificando que grande parte do património da

instituição estava ali guardado. «Visitámos aquilo que se podia chamar o sótão desta casa e encontramos grande parte do património que, na altura, estava um pouco esquecido. Encontrámos paramentos, alfiás religiosos e imagens que, por imposição da Igreja, foram retiradas do culto porque eram as chamadas imagens de roca, e foram arrumadas», conta. Segundo o historiador, todas estas peças artísticas estavam um pouco degradadas e o mesmo acontecia com o próprio arquivo da Santa Casa da Misericórdia de Fão. «Ainda não se tinha despertado para esses valores e, na altura, foi chamada a atenção do senhor Provedor para o património riquíssimo e fabuloso ali existente e que era necessário preservar», acrescenta. O apelo não caiu em "saco roto" e, imediatamente, a Misericórdia de Fão começou a estudar projectos para começar a recuperar, quer o material guardado, quer o edifício em si.

### Recuperação do arquivo

Desta forma, um dos primeiros passos, salienta Manuel Albino Penteadado Neiva, foi fazer a recuperação de um «valiosíssimo património

documental que esta Santa Casa da Misericórdia possui e que estava, de facto, guardado, mas não estava inventariado e a sua disposição estava um pouco anárquica».

«Na altura, com o apoio da Casa da Cultura de Esposende, um organismo criado pela Câmara de Esposende, incentivámos a Santa Casa da Misericórdia de Fão no sentido de recuperar esse arquivo, de fazer a sua inventariação, o seu estudo, para permitir que as pessoas o conseguissem consultar. Desta forma, a Casa da Cultura convidou o doutor Alberto Antunes de Abreu, de Viana do Castelo, para pegar neste arquivo, tratá-lo, inventariá-lo e isso deu origem à publicação do livro "Origens e Arquivo da Santa Casa da Misericórdia de Fão", que é uma obra que, podemos dizer, está constantemente a ser consultada porque tem ali o inventário de tudo o que existe na instituição em termos documentais», realça.

Para o historiador, todo este trabalho foi, no fundo, o despoletar do interesse para que outros patrimónios fossem recuperados.

Assim, já na década de 90 houve por parte do Instituto de Emprego e Formação Profissional uma série de cursos ligados à salvaguarda do património cultural e a Santa Casa

da Misericórdia de Fão soube, e muito bem, aproveitar essa oportunidade», tendo solicitado o apoio ao IEFP o apoio para criar na instituição um curso de restauro.

«Foi assim que, durante muito tempo, se fez desta casa quase que um atelier de restauro. Estiveram aqui jovens que fizeram a sua aprendizagem e, ao mesmo tempo, trabalharam este património», conta Manuel Albino Penteadado Neiva.

Por outro lado, o próprio edifício, que estava um pouco degradado, também foi recuperado, respeitando a traça primitiva, transformando aquele espaço num local agradável. Na opinião do investigador, é de salientar esta preocupação, não só com a preservação arquitectónica, mas também com a reutilização dos materiais tradicionais, nomeadamente o xisto, que foi largamente utilizado, desde o século XVI, nas construções em Fão. «Este material é excelente em termos de isolamento e é ainda muito resistente ao tempo», disse.

Para o historiador, o Museu da Santa Casa da Misericórdia de Fão é o «orgulho» dos fangeiros porque, para além de ali estar representada uma boa parte da história da sua terra, é ainda uma mais-valia para o turismo.



# Peças em prata do século XVIII salvas dos fornos para amoedar

**A**o entrar no Núcleo Museológico da Santa Casa da Misericórdia de Fão, o visitante encontra logo uma primeira sala onde está bem patente, e se transmite, as vivências da instituição no século XVIII, considerado um dos seus períodos áureos.

Ali encontram-se diversas peças artísticas que merecem ser apreciadas, entre as quais algumas imagens barrocas de grande valor e também imagens de roca, ou seja, articuladas. No entanto, neste conjunto merece um especial destaque um núcleo de peças em prata do século XVIII e primeiro quartel do século XIX, algumas das quais, as mais antigas, têm a particularidade de terem sido salvas aquando das Invasões Francesas.

«Podemos dizer que este conjunto fabuloso de pratas aqui patentes preservou-se, contrariamente àquilo que aconteceu em muitas das nossas igrejas», afirma Manuel Albino Penteadado Neiva.

Segundo o historiador, muitos dos templos desta região foram espoliados destes seus tesouros, principalmente, aquando das Invasões Francesas porque as paróquias foram obrigadas a entregar as suas pratas. «Quando se deram as Invasões Francesas houve um decreto em que se exigia que todas as instituições religiosas entregassem, numa espécie de "tributo da guerra", as suas pratas, para serem derretidas para amoedar, ou seja, fazer moeda», afirma.

Contudo, a Santa Casa da Misericórdia de Fão acabou por não obedecer a este decreto e, desta forma, conseguiu salvar as suas peças dos "fornos franceses". «É provável que isso tenha acontecido talvez porque a Santa Casa da Misericórdia não estivesse totalmente na linha das instituições que o decreto determinava, nomeadamente, as igrejas, as capelas, as confrarias, as matrizes, etc., e, portanto, o seu património foi preservado», sustenta o historiador.

Assim, é possível encontrar hoje no núcleo museológico várias peças em prata, entre as quais alfaias litúrgicas, castiçais, resplendores com incrustações decorativas e chamas, bem preservadas, que constituem um testemunho de um período áureo da instituição.

## No centro está andor do Bom Jesus

Bem no centro desta sala, e por isso em grande destaque, encontra-se o grandioso andor do Senhor Bom Jesus de Fão, que pertence à Santa Casa da Misericórdia de Fão. Esta é uma verdadeira obra de arte, bem preservada e de valor incalculável,



> Conjunto de peças em prata do século XIX



> Imagem do Senhor dos Passos



> Andor do Senhor Bom Jesus de Fão

lável, tratando-se de um andor que está todo dourado a folha de ouro. Manuel Albino Penteadado Neiva realça a imponência deste andor que, normalmente, é transportado por oito homens, isto é, quatro de cada lado. Por outro lado, salienta, este andor, que se encontra em exposição no museu, ainda hoje continua a sair na procissão do Senhor Bom Jesus de Fão. «Este é o andor que transporta a imagem do Senhor Bom Jesus de Fão e que, de quatro em quatro anos, quando está bom tempo, sai em procissão. Agora, nos nossos dias, a procissão é de quatro em quatro anos mas, como já vimos no

suplemento que foi dedicado à igreja do Bom Jesus de Fão [suplemento que saiu na edição do DM de 2 de Novembro de 2007], ela só saía em acontecimentos muito especiais, como por exemplo, para comemorar uma vitória sobre uma peste, em acção de graças», disse. Na opinião do historiador, é muito importante o andor estar patente ao público no Núcleo Museológico da Santa Casa da Misericórdia de Fão, até porque esta peça é pertença da instituição. Este facto, salienta, mostra uma vez mais que a Misericórdia de Fão «tem uma importância fundamental na vida religiosa e espiritual dos fan-

gueiros e também na vida social». Outras peças que chamam a atenção nesta sala são as denominadas imagens de roca, ou seja, articuladas e que «numa determinada época deixaram de estar nos altares», afirma Penteadado Neiva. Segundo explica, estas imagens, «sendo de roca, facilmente se desconchavavam e, portanto, mexiam, e isso causava alguma perturbação». «Para serem vestidas, naturalmente, tinham que se articular os braços, o tronco e, por vários motivos, como por exemplo, o aquecimento do ambiente, havia movimentos nessas imagens e isso criava algum ruído e

alguma perturbação e, por isso, essas imagens deixaram de estar nos altares», acrescenta. Isso motivou a que em muitas igrejas estas imagens de roca tenham sido colocadas de lado. Algumas terão sido mesmo destruídas e outras abandonadas, acabando por apodrecer. «Em Fão, a Santa Casa recolheu-as, não as destruiu e teve a oportunidade de as recuperar para as colocar no seu museu», salienta Manuel Albino Penteadado Neiva, acrescentando ainda que estas imagens de roca foram recentemente estudadas por especialistas que concluíram que elas eram de grande valor patrimonial.



# Peças ligadas à Semana Santa são preciosidades do museu

**N**a sala dedicada às vivências da Santa Casa da Misericórdia de Fão no século XVIII os olhares dos visitantes não podem deixar de apreciar várias peças que, ao longo dos séculos, estiveram ligadas às tradicionais solenidades da Semana Santa. Segundo o historiador Manuel Albino Penteadado Neiva, são alguns «objectos interessantes que faziam parte de um ritual religioso, nomeadamente a Semana Santa», cujas procissões tinham, e continuam a ter, «muita tradição em Fão». «E, como todas as cerimónias desta época, tinha objectos próprios como, por exemplo, o esquife, as matracas e os requereques». São algumas destas peças que, no passado eram utilizadas nas procissões, e que hoje, fruto de um trabalho de restauro e recuperação, se encontram patentes ao público no Núcleo Museológico da Santa Casa da Misericórdia de Fão. Logo à entrada da sala é impossível ficar-se indiferente, pela sua grandiosidade e beleza artística, ao guião que tradicionalmente abria as procissões da Semana Santa. Existe mesmo um texto datado de Setembro de 1950, escrito por Franklin Nunes, para o "Douro Litoral", e transcrito no livro "Monumentos Históricos de Fão - Colectânea de monografias e de textos históricos sobre Fão", da Comissão Promotora das Celebrações das Instituições Fangeiras, onde o autor faz referência, com algum saudosismo, a este guião. Segundo explica, «em Quinta-feira Santa, era costume sair da igreja da Misericórdia, pelas nove horas da noite, a Procissão de Endoenças, com o Senhor dos Passos». «Ia à

frente o guião grande (cuja vara andava por oito metros de extensão) ostentando, pintados, os "martírios do Calvário" (cruz, cravos, martelo, lança, esponja, coroa de espinhos, dados, um galo, etc.), seguido de vários painéis, também pintados com motivos religiosos diversos, vindo, depois, os estandartes, as Confrarias, com lanternas e archotes acesos», acrescenta. Ora, é exactamente este guião tão bem descrito que se encontra no museu e que surpreende o visitante pela sua altura e pelas pinturas que apresenta. Outra peça que se encontra nesta sala, também ela ligada às solenidades da Semana Santa, é o esquife que outrora integrava a Procissão do Enterro. «Esta peça coberta a veludo, que era utilizada para transportar a imagem do Senhor Morto, é muito bonita», salienta Manuel Albino Penteadado Neiva. Ainda enquadrado nas festividades da Páscoa, o visitante encontra neste espaço um Compasso Pascal, lembrando a todos os visitantes a ressurreição de Jesus Cristo, festa na qual a Santa Casa da Misericórdia de Fão continua a estar activamente envolvida. No dia de Páscoa em Fão saem à rua sete cruces para a visita pascal, sendo uma delas a da Misericórdia de Fão, que percorre o centro da vila.

#### Caixão das Almas

Por fim, há ainda a salientar a presença nesta sala de uma peça muito curiosa e que já é difícil de encontrar, tratando-se do denominado "caixão das almas", que outrora servia para transportar até ao cemitério os corpos dos irmãos mais pobres, que não tinham posses financeiras para comprar um caixão. «Pelo seu

carácter mórbido, muitas destas peças foram destruídas porque as pessoas não gostavam de as ver. Eu recordo-me de entrar em algumas igrejas e indicarem-me que, no local onde se guardavam as coisas desnecessárias, normalmente debaixo de algumas escadas, era o quarto do esquife. Ou seja, as pessoas tinham um certo receio de entrar lá dentro porque estava ali o "caixão das almas"», conta Manuel Albino Penteadado Neiva.

Este, explica, era o caixão das pessoas que não tinham posses para ter um caixão próprio, e a Santa Casa da Misericórdia de Fão tinha a sua tumba para os seus irmãos mais pobres. Aliás, o historiador salienta que, se a grande maioria destas instituições no país orgulhavam-se de ter ligadas a si as pessoas mais ricas dos meios onde estavam implantadas, a verdade é que Fão tinha uma comunidade piscatória elevadíssima que fazia questão de pertencer à Santa Casa da Misericórdia. «Estas não eram pessoas de posses e, por isso, quando morriam iam, quando muito, com o hábito de São Francisco ou de S. Bento, ou então embrulhados num simples lençol, mas levavam um caixão condigno que era o da Santa Casa da Misericórdia de Fão. Depois de levados para a cova, o caixão voltava e, assim, este era um caixão comunitário», conta o historiador.

«Estes objectos desapareceram e, felizmente, temos aqui o da Santa Casa, que é uma peça agradável de ver, mas não deixa de ter um simbolismo um pouco tétrico. Contudo, esta é uma verdadeira peça de museu e representa o último elo de ligação do irmão à sua Santa Casa», acrescenta o historiador.



> Pendão processional usado na procissão das Endoenças



> Imagem de Nossa Senhora das Dores, do século XVIII



> O "caixão das almas" é uma das raridades que o museu possui



# Maquetas dos monumentos de Jerusalém espantam quem já visitou Terra Santa

**N**a sala das exposições temporárias do Museu da Santa Casa da Misericórdia de Fão está patente ao público uma série de maquetas dos principais monumentos de Jerusalém, que foram construídas pelos gémeos José Maria Fernandes Matias e Casimiro Fernandes Matias, conhecidos a nível nacional pelos Irmãos Matias. Obedecendo com rigor aos templos que se encontram na Terra Santa, esta exposição, foi originalmente intitulada "Jerusalém Ano XXXIII", e inclui as maquetas, à escala 1/50, da hospedaria onde não houve lugar para Maria dar à luz o seu filho Jesus, da igreja da Glória in Excelsis Deo, da Sinagoga de Cafarnaum, da igreja do Primado de Pedro, da igreja da Visitação, da igreja de Cafarnaum, da Basílica da Anunciação, da igreja das Bem-Aventuranças, da igreja de Caná, da igreja da Transfiguração e da Basílica da Natividade. Na parede encontra-se ainda um trabalho em alto relevo de uma paisagem panorâmica de Jerusalém. Todos estes trabalhos foram elaborados pelos Irmãos Matias quando viveram em Lisboa. No entanto, sendo fangueiros de origem, decidiram doar este espólio à Santa Casa da Misericórdia da sua terra natal, que agora o tem patente ao público na sala de exposições temporárias.

Segundo o historiador Manuel Albino Penteadó Neiva, todas estas peças surgiram porque o pároco da igreja do Sacramento, em Lisboa, decidiu um dia desafiar os dois artistas a trabalhar a cidade de Jerusalém. «E, eles, de facto, pegaram nesta temática e, pouco a pouco, foram construindo os principais edifícios de Jerusalém e que reflectem a vida de Jesus Cristo», disse.

Quando as peças foram concluídas, o resultado deu origem a uma exposição que percorreu vários pontos do país, «sempre com referências espectaculares sobre a sua qualidade».

Um desses pontos foi exactamente a igreja do Sacramento, em Lisboa, onde eles participavam activamente na vida da paróquia. Nessa ocasião, a exposição foi visitada pelo embaixador de Israel em Portugal, que manifestou a sua admiração pelo rigor e qualidade das maquetas, elogiando de sobremaneira o trabalho dos irmãos Matias.

«Mesmo aqui em Fão, as pessoas que vêm ao Núcleo Museológico da Santa Casa da Misericórdia de Fão e visitam a exposição, e que já tenham visitado Jerusalém, ficam espectacularmente surpreendidas porque, de facto, encontram aqui quase que de novo os monumentos que tiveram oportunidade de ver *in loco*», afirma o historiador. Para Manuel Albino Penteadó Neiva,



> Maqueta da igreja da Visitação



> Maqueta da igreja das Bem-Aventuranças



> Maqueta da Basílica da Natividade

os Irmãos Matias, «sendo fangueiros, tinham certamente o espírito fangueiro porque quiseram deixar à sua terra um pouco da sua vida artística e fizeram a doação à Santa Casa da Misericórdia de Fão de todo este espólio, que não tem preço, mas que, em termos culturais, é de facto uma mais-valia para este museu».

#### Uma vida dedicada às artes

Segundo o historiador, estes dois

irmãos gémeos sempre evidenciaram uma sensibilidade espantosa. «O José já faleceu, portanto, neste momento, só o Casimiro continua a trabalhar, embora já não com o mesmo prazer, como ele já me confidenciou. Eles, de facto, eram gémeos em tudo. Na forma de vestir, na forma de ser, na forma de estar e no trabalho. Eles, desde muito novos, sentiram um apelo a este trabalho manual e foram para o Museu da Marinha, em Lisboa,

onde, durante muitos e muitos anos, foram os responsáveis pelas Maquetas daquele espaço museológico», disse.

Na opinião de Manuel Albino Penteadó Neiva, os Irmãos Matias criaram duas exposições que marcam toda a sua actividade enquanto artistas, sendo esta sobre os principais monumentos de Jerusalém uma delas.

A outra, acrescenta, é o Presépio que eles construíram na igreja do

Sacramento, em Lisboa, que, pela sua monumentalidade, atraiu mais de 40 mil visitantes por ano.

Por fim, há ainda uma outra particularidade a salientar sobre os Irmãos Matias. Apesar de viverem em Lisboa, a verdade é que todos os anos, nas festas do Bom Jesus de Fão, os irmãos gémeos vinham sempre à sua terra natal e eram eles que elaboravam os tapetes de flores, sem jamais repetirem os desenhos.



# Barcos portugueses lembram vocação marítima dos fangueiros

**N**a zona dedicada às exposições temporárias, para além dos monumentos da cidade de Jerusalém, existe ainda um outro espaço onde é possível admirar maquetas de embarcações portuguesas que também foram elaboradas pelos Irmãos Matias. São maquetas que retratam fielmente, não só as embarcações que levaram os portugueses a darem novos mundos ao mundo, mas também os barcos típicos das diversas regiões do nosso litoral, lembrando a todos os visitantes que Fão é uma terra com uma grande vocação marítima. Para o Manuel Albino Penteado Neiva, estas peças são «a raiz dos trabalhos dos Irmãos Matias», tratando-se da tarefa que eles faziam diariamente enquanto técnicos especialistas do Museu da Marinha. «Eles foram chamados para lá para executar as maquetas da nossa história náutica e, por isso, a grande parte do espólio deles são estes barcos efectuados à escala. Assim, podemos dizer que os Irmãos Matias traçaram a história das embarcações portuguesas», disse. Recorde-se, a título de curiosidade, que José Maria Fernandes Matias e Casimiro Fernandes Matias concorreram em 1955 ao Museu da Marinha com a maqueta do Rádio Naval da Apúlia, tendo ganho o concurso.

Assim, com a especialidade de maquetistas de miniaturas de construção naval, entraram para os quadros técnicos da instituição da Armada Portuguesa. No Núcleo Museológico da Santa Casa da Misericórdia de Fão é possível apreciar alguns barcos que eles construíram, estando patentes ao público, por exemplo, réplicas em miniatura de moliceiros de Aveiro, do barco típico de Fão, de uma fragata do Tejo, ou então, de uma caravela, ou ainda de um galeão.

Esta exposição de barcos é também uma forma de mostrar aos visitantes a tradição e vocação marítima dos fangueiros que, desde os tempos remotos, viram as suas oportunidades no rio e no mar.

Penteado Neiva lembra que Fão começou por ser uma terra onde se produzia sal, passando depois a ser uma localidade estratégica na construção naval. «Depois, Fão ganha dinheiro, pujança e enobrecer-se ao nível das suas casas com a tradição da náutica, com os grandes capitães de barcos que, ou foram para o Brasil, ou ainda percorreram o mundo no comércio, no tráfego marítimo», disse.



Maqueta de um galeão usado pelos navegadores portugueses no século XVI



Maqueta de uma fragata do Tejo



Maqueta de um barco moliceiro de Aveiro

## Igreja é a última "sala"

Após a passagem por esta sala de exposições temporárias, a visita ao Núcleo Museológico da Santa Casa da Misericórdia de Fão termina e culmina na igreja da instituição, que, apesar de ser pequena, pode ser considerada uma jóia do barroco.

Segundo Manuel Albino Penteado Neiva, «foi uma feliz ideia recuperar estes edifícios anexos à igreja da Santa Casa, porque as pessoas têm a oportunidade de apreciar o diferente espólio da instituição, as exposições temporárias, para depois entrar na pequena igreja completamente revestida de arte barroca».

Para o historiador, a igreja da Santa Casa da Misericórdia de Fão pode mesmo ser classificada com um dos expoentes máximos desta região, «não propriamente com aquela exuberância que algumas igrejas apresentam, mas dentro de uma pequena comunidade que, na altura em que foi edificada, era Fão, e transportou para dentro

deste templo tudo o que era arte e era riqueza dos artistas do barroco português.

Na opinião do historiador, esta é uma das igrejas que merece ser visitada com atenção. «Ela merece que as pessoas se sentem e contemplem, quer a parte da escultura, quer a talha, quer a própria pintura, que é lindíssima», sustenta.



# Museu da Misericórdia de Fão é um espaço «muito visitado»

**A** Mesária responsável pelo Núcleo Museológico da Santa Casa da Misericórdia de Fão garante que este é um espaço que é «muito visitado» ao longo de todo o ano, mas principalmente no Verão, que é quando há mais turistas nesta vila do concelho de Esposende.

«Nós temos um livro de registo de visitas e, realmente, o número de pessoas que aqui vem nunca pensámos que atingisse os valores que conseguimos desde que o museu abriu», disse Maria Augusta Teixeira. Questionada sobre para onde caminha este espaço museológico, a responsável responde afirmando que é difícil dizer como será o futuro. «Como espaço físico, não tem por onde alargar. Portanto, o espaço físico é este. Como espaço cultural, nós procuramos que ele se engrandea a cada dia», realça.

Segundo explica, a Santa Casa da Misericórdia de Fão tem conseguido fazer exposições temporárias para que as pessoas tenham sempre acesso a algo diferente. Ou seja, esta forma de renovar as peças em exposição é também uma maneira de conseguir que a mesma pessoa visite o espaço mais do que uma vez e lutar para que o museu não se torne estático.

Inaugurado em 2003, o Núcleo Museológico da Santa Casa da Misericórdia de Fão tem apresentado até agora várias exposições temporárias. Por aquele espaço já passaram mostras sobre a prataria da instituição, sobre os ex-votos da freguesia, estando neste momento patente ao público as peças da autoria dos Irmãos Matias. «Nós tínhamos programado encerrar esta exposição com os trabalhos dos Irmãos Matias em Março, no entanto, por várias solicitações que temos tido, provavelmente ela irá prolongar-se até ao fim do Verão», revelou.

## Futuras iniciativas estão em segredo

No que diz respeito ao futuro e a próximas exposições, Maria Augusta Teixeira salienta que há diversas ideias para serem concretizadas mas, para já, ainda é muito cedo para falar delas, permanecendo, assim, em segredo. A responsável garante mesmo que já há uma exposição temporária na forja, mas que é ainda muito cedo para a divulgar. «Há ideias só que, para já, não queria divulgá-las. Nós temos a intenção de continuar no mesmo esquema, ou seja, realizar uma exposição temporária por cada ano», disse a Mesária responsável pelo Núcleo Museológico da Santa Casa da Misericórdia de Fão.



> Museu quer mostrar o passado da instituição aos visitantes



> Esquife utilizado na procissão do Enterro



> Igreja da Misericórdia é a última etapa na visita ao museu

Em termos de funcionamento, o museu tem as suas portas abertas mais horas durante o Verão, tendo em consideração os turistas que nessa altura do ano escolhem Fão para passar as suas férias. No Inverno, o horário de funcionamento é reduzido, podendo o espaço ser visitado de terça-feira a sábado, entre as 15h00 e as 17h00, e aos domingos, entre as 10h00 e as 13h00, encerrando à segunda-feira. Segundo Maria Augusta Teixeira, o Núcleo Museológico da Santa Casa da Misericórdia de Fão não é

uma fonte de rendimento para a instituição. «Aqui não cobramos a entrada a ninguém. As pessoas vêm e não pagam absolutamente nada», realça. Reconhecendo que esta podia ser uma forma da Misericórdia de Fão conseguir alguns fundos, a Mesária afirma que a instituição também tem a consciência que, ao instituir-se um bilhete pago, isso podia constituir-se, provavelmente, como uma inibição para algumas pessoas. «Ora, como aquilo que nós pretendemos, essencialmente,

é criar nas pessoas o hábito de visitar o museu, de dar valor à nossa cultura, de apreciar o espólio, que é uma riqueza da nossa freguesia, preferimos não cobrar entradas», salientou. E, esta postura tem dado os seus frutos uma vez que, segundo Maria Augusta Teixeira, as pessoas de Fão, e mesmo os habitantes das outras freguesias do concelho de Esposende, gostam e acarinham este museu. Aqueles que ainda não conhecem o Núcleo Museológico da Santa Casa da Misericórdia de Fão, o história-

dor Manuel Albino Penteadó Neiva aconselha vivamente a visitá-lo. «Nestes domingos de frio, penso que seria interessante parar o carro e vir a Fão, percorrer o seu núcleo central, e depois visitar o Museu da Santa Casa Misericórdia, onde vai haver, de certeza absoluta, um encontro com o passado e com material que pensávamos que estaria desprotegido mas que houve alguém, que em seu devido tempo, soube preservar e agora divulgar este património», realça o história-





> A Misericórdia de Fão recuperou e restaurou as imagens de roca que possuía. Segundo os especialistas, estas peças artísticas, que podem ser apreciadas no museu, são de grande valor.



> Uma das preocupações da Santa Casa da Misericórdia de Fão é disponibilizar o acesso do seu museu a todos os cidadãos, não esquecendo aqueles que são portadores de deficiência.



> Na recuperação do edifício anexo à igreja da Misericórdia de Fão houve a preocupação de se respeitar a traça primitiva e de se reutilizar os materiais tradicionais, nomeadamente o xisto, que foi largamente usado nesta vila.



> As maquetas de várias embarcações elaboradas pelos Irmãos Matias à escala 1/50 dão uma perspectiva não só da variedade de barcos portugueses existentes, mas também traçam a história náutica do país.



> Por baixo do andor do Senhor Bom Jesus de Fão encontra-se o antigo mosaico que estava na entrada do Hospital da Santa Casa da Misericórdia de Fão. São azulejos de Arte Nova.



> No espólio doado pelos Irmãos Matias há um conjunto de peças que se encontram inacabadas. Através delas é possível ter uma pequena noção de quão precisa e difícil é a elaboração de maquetas à escala.